

Experiência do Pensamento

O que nos faz pensar? O pensamento faz-se espontaneamente ou necessita de uma provocação, de um desafio, de algo que lhe seja externo? Como produzir pensamento? De que modo podemos desenvolver meios que façam ecoar a voz do pensamento?

O tema de uma possibilidade essencial do pensamento é típico da moderna Filosofia¹. Porém, é em Heidegger (1889-1976) que encontramos uma das versões mais célebres deste tema: “Nós não pensamos, não aprendemos ainda a pensar, ainda não sabemos o que pensar significa, o pensamento permanecerá em nós uma possibilidade irrealizada enquanto não se der por tarefa o que eminentemente dá que pensar” (Dias, 2012, p. 35). Estamos perante uma apurada consciência da dificuldade de pensar; uma consciência de que pensar se faz sobretudo contra o pensamento, de um pensar o não pensável que é a causa do próprio pensamento. Encontramos no pintor Paul Klee (1879-1940) a fórmula exata desta consciência: pintar o invisível; ou melhor, «não pintar o visível, mas tornar visível». É esta a fórmula que exprime os traços essenciais da Arte Moderna e da Moderna Filosofia cujo objetivo consiste essencialmente em dar visibilidade a forças não visíveis.

Também Deleuze, seguindo de perto esta ideia do pensamento como possibilidade, como potência, diz-nos que o pensamento não é algo que recebemos pronto e acabado, apenas para ser assimilado, mas é algo que necessita de ser experienciado. Na ausência de tal experiência a capacidade de pensar não passa de uma mera possibilidade.

A questão «o que é pensar?» é, em Deleuze, equivalente à questão «o que é criar?», pois para o filósofo não restam dúvidas: o pensamento não é algo inato, mas, pelo contrário, algo que deve ser concebido no próprio pensamento. Na obra *Diferença e Repetição*, Deleuze diz-nos claramente que “Pensar é criar, não há outra criação, mas criar é, antes de tudo, engendrar, «pensar» no pensamento” (Deleuze, 2000, pág. 252). Não deixa de ser curioso que a tese de Deleuze não vê o pensamento como algo inato e, portanto, natural ao Homem. Pelo contrário, para Deleuze só pensamos quando coagidos e forçados a pensar e aquilo que nos força a pensar é sempre fruto de uma contingência: qualquer coisa, qualquer encontro, pode ser um problema. Não o escolhemos, como disse Bergson, encontramos-lo, barra-nos o caminho e, a partir daí, ou ultrapassamos o obstáculo ou deixamos de *pensar*. Porém, e o mais importante a ser destacado,

¹ Tema iniciado por Nietzsche e que pode ser resumido da seguinte forma: explorar uma superior possibilidade do pensamento pondo-o em relação com forças não formadas, isto é, com um «caosmos». (Dias, 2012).

é que para Deleuze o problema não é racional mas antes da ordem sensível. O problema não é pensamento, mas sensibilidade. Pensamos para equacionar problemas que vivemos, sentimos, experimentamos. O problema é, então, a marca singular, a violência original feita ao pensamento e o único a tirá-lo do seu entorpecimento natural ou da sua eterna possibilidade. É, pois, em função dessa violência, uma violência sofrida de «dentro», que se dá o pensamento.

Diz-nos Deleuze: há qualquer coisa no mundo que nos força a pensar, como resultado de um encontro fundamental. Tal encontro só pode ser sentido, é dele que brota a sensibilidade no sentido. Por sua vez, aquilo que só pode ser sentido sensibiliza a alma e força-a a colocar um problema como se o objeto desse encontro fosse o portador do problema.

Mas o que se dá nesse encontro? “Não é uma qualidade, mas um signo. Não é um ser sensível, mas o ser do sensível. Não é o dado, mas aquilo pelo qual o dado é dado” (Deleuze & Guattari, 1992, p. 240). Vê-se bem que o «signo» é o objeto desse encontro, é ele que nos põe a pensar e que garante a necessidade daquilo que é pensado. Fica, então, em aberto a seguinte interrogação: o que é esse signo? Conforme Heraclito também em Deleuze é a coexistência dos contrários que constitui o objeto de um encontro – o signo –, o ponto de partida daquilo que nos força a pensar. Pensar é afrontar esse caos próprio ao mundo. Enfrentá-lo, nele mergulhar para dele retirar uma ordem, uma consistência. “Eis, de cada vez, a aventura do pensamento, a incessante odisséia do espírito (...) eis o que em Deleuze «pensar» significa” (Dias, 2012, p. 39). Pensar é, portanto, coordenar, designar, gerir esse *caos*.

“O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe a filosofia; tudo parte de uma misosofia. Não contemos com o pensamento para fundar a necessidade relativa do que ele pensa; contemos, ao contrário, com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de elevar e instalar a necessidade absoluta de um acto de pensar, de uma paixão de pensar.” (Deleuze, 2000, pág. 240)

O pensamento não tem, em Deleuze, outra aventura senão o involuntário e o seu ponto de partida é a sensibilidade no encontro com aquilo que nos força a pensar. Não supondo qualquer afinidade ou predestinação, é o fortuito ou a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que a sensibilidade nos força a pensar. O pensamento torna-se assim estruturalmente uma experimentação, como resultado de uma afetividade, uma sensibilidade, uma sensação. Um *pensamento-pathos* cujo ponto de partida é sempre o afetivo, o sentido. “Do intensivo ao pensamento, é sempre através de uma intensidade que o pensamento nos advém” (Deleuze, 2000, p. 248). Ora, é justamente este privilégio da sensibilidade como a origem do pensamento que nos permite colocar a experiência interior ao serviço da criação.

De tudo o que foi dito até aqui, qual a lição que poderemos retirar das palavras de Gilles Deleuze? No capítulo «a imagem do pensamento» da obra *Diferença e Repetição*, Deleuze anuncia claramente a sua intenção: a destruição de uma imagem de um pensamento que se pressupõe a si mesmo. Assumindo como sua a pretensão clássica da Filosofia de se desembaraçar da *doxa*, Deleuze diz-nos que esta necessita de recomeçar tudo de novo. Nesse sentido, recupera Nietzsche para afirmar que a Filosofia tem de questionar aquilo que lhe é devido. Ou seja, todas as imagens pré-filosóficas e, desse modo, libertar o pensamento de qualquer imagem que o determine². Objetivo: estabelecer um *pensamento-pathos* capaz de elevar a sua superior e intrínseca capacidade de criação e intervenção.

Vê-se bem que a filosofia deleuziana assume-se como um esforço para introduzir ou estimular hipóteses teóricas e práticas de resistência – resistência à *doxa* e a tudo o que limite o pensamento. De facto, jamais poderemos dizer antecipadamente se um problema está ou não bem colocado ou se a solução apresentada é conveniente ou adequada ao caso; como diz Deleuze, é preciso pensar, é preciso criar. Pensar é, assim, uma luta contra a opinião, uma luta pessoal que se trava através da criação. Pensar é e deve ser sempre um esforço criativo, onde não há lugar para cabeças que repetem porque não pensam. Eis, deste modo, o maior desafio que Deleuze nos deixa.

² O pressuposto implícito da Filosofia encontra-se no senso-comum: *cogitatio natura universalis*. Pressuposto que a Filosofia assume e reconhece como o seu verdadeiro ponto de partida. Segundo Deleuze, tal pressuposto implica uma imagem do pensamento pré-filosófica e natural, retirada do senso comum. É sobre esta imagem do pensamento – orientada para a verdade – que se supõe que toda a gente saiba o que é pensar, sendo portanto capaz de pensar. Aos olhos de Deleuze a Filosofia ao acolher esta *imagem do pensamento* desvia-se do seu projeto: romper com a *doxa*.

Bibliografia:

Deleuze, G. & Guattari, F. (1992). *O que é a Filosofia?* Lisboa: Editorial Presença.

Deleuze, G. (2000). *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, Cap. III, pp: 225-283.

Dias, S. (2012). *Lógica do Acontecimento, introdução à filosofia de Deleuze*. Porto: Documenta.

Fadigas, N. (2003). *Inverter a Educação de Gilles Deleuze à Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora.

Gallo, S. (2008) *Deleuze e a Educação*. São Paulo: Autêntica Editora